



## PERU

# Um país em ebulição

Cresce pressão política para a renúncia da presidente Dina Boluarte, no poder desde o autogolpe fracassado de Castillo. Governadores andinos pedem fim do governo. Embaixador em Brasília defende diálogo, no marco do Estado de Direito

» RODRIGO CRAVEIRO

Em sinais de arrefecimento, a crise peruana intensificou a pressão pela saída da presidente Dina Boluarte, que assumiu depois que o esquerdista Pedro Castillo tentou um autogolpe e foi preso. A congressista Kelly Portalatino apresentou uma denúncia constitucional contra todo o gabinete ministerial de Boluarte pelos crimes de homicídio e lesões graves contra cidadãos da região de Puno. De acordo com o jornal *La Republica*, o documento se baseia no artigo 1º da Constituição, o qual estabelece “a defesa da pessoa humana e o respeito à sua dignidade, que são o fim supremo da sociedade e do Estado”.

No 10º dia consecutivo de protestos, Arequipa — a segunda maior cidade — está praticamente isolada das vizinhas Cusco e Puno. No fim da tarde, 85 pontos de bloqueio afetavam nove áreas do país. Ao todo, 16 rodovias nacionais estavam paralisadas. A maior concentração de piquetes era na região andina, ao sul.

Em pouco mais de um mês, 42 peruanos foram mortos durante choques entre manifestantes e forças de segurança — incluindo um policial que foi queimado vivo. Os confrontos deixaram também 531 feridos, sendo 355 civis e 176 policiais. Além da denúncia constitucional feita por Portalatino, governadores das regiões mais atingidas pela convulsão social e várias associações profissionais aderiram aos clamores pela renúncia de Boluarte.

“Quantos mortos mais vão custar a permanência de Boluarte na presidência? Devemos nos perguntar isso, todos os peruanos, de esquerda ou direita. Nenhum cargo pode estar acima da vida humana”, desabafou Richard Hanco, governador de Puno. O Ministério Público investiga se Boluarte cometeu crime de genocídio.

### Eu acho...

Arquivo pessoal



“Os simpatizantes do ex-presidente Pedro Castillo estão, evidentemente, nas marchas. Eles não as lideram. Mas a demanda inicial principal, que era a liberdade de Castillo, se diluiu. Associar os protestos ao ex-mandatário é um erro. Por mais que a simpatia exista, não é possível fazer essa ilação. Ele segue na cadeia, condenado a 18 meses de prisão preventiva, com possível ampliação para 36 meses. Nesse período, provavelmente outro governo terá sido instalado. De fato, o prazo de 18 de julho de 2024 para a eleição é um primeiro passo. No entanto, os protestos são tão exigentes e violentos, que, provavelmente, essa data seja abreviada.”

Fernando Tuesta, professor de ciência política da Universidade Católica del Peru (UCP)

Ao *Correio*, Rómulo Acurio, embaixador do Peru no Brasil (**leia Três perguntas para**), lembrou que, por iniciativa do governo, o Congresso aprovou, em primeira votação, a redução do mandato presidencial e a antecipação das eleições para abril de 2024. “Consequentemente, o governo de Boluarte tem caráter transitório até a eleição de novo parlamento e do presidente.”

### Processo constitucional

O diplomata destacou que, no Peru, a liberdade de expressão é respeitada. “A população quer tranquilidade e governabilidade. Isso não pode ser alcançado com propostas fora de um processo constitucional prévio, como a dissolução do Congresso ou a instalação rápida de uma Constituinte. O que precisamos é de diálogo, dentro do Estado de Direito”, acrescentou Acurio, que chefiava a embaixada em Brasília desde 1º de janeiro de 2022.

Professor de ciência política da Universidade Católica del Perú (UCP), Fernando Tuesta admitiu ao *Correio* que não existem soluções fáceis para a crise no país. “A verdade é que Dina Boluarte não tem uma varinha mágica para solucioná-la. Isso porque os atores dessa crise cruzam uma série de dinâmicas que têm raízes diversas. As manifestações não são organizadas por um único grupo, partido ou líder. Em cada lugar, há uma canalização de protestos derivados de demandas específicas. Talvez todos eles peçam a antecipação das eleições, alguns, a renúncia de Boluarte. No entanto, as eleições são o canal institucional para sair da crise”, comentou. “No Peru, a situação é muito grave.”

Por sua vez, Oscar Vidarte Arévalos — professor de relações internacionais da Pontificia Universidad Católica del Perú — concorda que as manifestações que se espalharam pelo Peru fazem parte de um fenômeno “muito mais complexo do que se acredita”. “Não se trata de um protesto sindical, com demandas claras e específicas. Elas são distintas e se moldam com o tempo. Estão vinculadas a um mal-estar claramente presente em um setor da população peruana, que há muito vinha buscando mudanças e criando expectativas que não foram cumpridas: os setores mais pobres e mais humildes da região sul andina”, disse à reportagem.

Arévalos adverte que a crise não pode ser solucionada apenas com a antecipação das eleições. “A questão é a perda de legitimidade do Congresso e de todos os estratos políticos, após um ano e meio de promessas não cumpridas. O establishment político de Lima deu as costas ao país”, alertou. “A solução tende a ser muito mais complexa. Temos um Congresso republicano dominado pela extrema-direita e pela extrema-esquerda. A primeira é completamente intolerante e antidemocrática. A segunda tampouco ajuda.”

Diego Ramos/AFP



Manifestantes bloqueiam a Rodovia Panamericana, na região de La Joya, para exigir a renúncia do governo

### Três perguntas para...

RÓMULO ACURIO, embaixador do Peru no Brasil

#### Qual é a solução para a pacificação de seu país?

O Peru enfrenta, atualmente, reivindicações legítimas de inclusão econômica e social, as quais nossas políticas públicas devem atender urgentemente com inteligência e senso de justiça. Alguns desses protestos respondem a esses reclames. No entanto, recentemente, muitos dos manifestantes mostraram outros objetivos políticos. Alguns são claramente autoritários, porque defendem o golpe perpetrado pelo ex-presidente Pedro Castillo, em 7 de dezembro. Também existem indícios credíveis sobre a participação de grupos organizados com o propósito deliberado de produzir violência. É trágico constatar que essa violência provocou a morte de 46 cidadãos e um membro da Polícia Nacional. Todos nós lamentamos profundamente a perda dessas vidas humanas. As mortes estão sendo investigadas pelo Ministério Público. O Peru é um país comprometido com a plena vigência do direito

Arquivo pessoal



internacional, com a defesa da democracia e a proteção dos direitos humanos. Por isso, o governo promove ativamente o diálogo, para superar esta crise.

#### Os simpatizantes de Castillo estão diretamente envolvidos na crise?

Acredito que todos os nossos países precisam de movimentos democráticos, em todo o espectro político, para dar governança e sustento à alternância política. O que não podemos aceitar são movimentos autoritários, atos golpistas contra a ordem constitucional e o uso da

violência como meio político, seja qual for a sua origem. Desejamos uma participação variada de candidatos democráticos nas eleições marcadas para daqui a 14 meses.

#### Que reação o senhor espera das forças democráticas da América do Sul para ajudarem o Peru nesse processo de busca da estabilidade?

O Peru espera que a comunidade internacional rejeite qualquer medida que perturbe nossa estabilidade e nossas instituições democráticas, bem como o uso da violência indiscriminada e atos de vandalismo. Esperamos que todos os nossos vizinhos nos ajudem a superar este momento, apoiem nossa ordem constitucional e estimulem o diálogo político pacífico e respeitoso. O Brasil tem se manifestado nesse sentido, o que muito agradecemos. Na América do Sul, este não é o momento para novas divergências. É hora de reconstruir os mecanismos de integração e cooperação regional. (RC)

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Brasil na mira da "Internacional" de direita

Os acontecimentos dramáticos e frenéticos do último domingo colocaram Brasília no centro das atenções pelo mundo afora, como não poderia deixar de ser. Não apenas o peso específico do país no cenário global justificaria o interesse: exatamente uma semana antes, era o retorno de Lula ao Planalto que praticamente monopolizava as manchetes. Em meio às tensões que permearam os dois meses entre a vitória eleitoral e a posse, com o protesto estridente e golpista da franja radical do bolsonarismo e a postura ambígua das Forças Armadas e do próprio derrotado, a imagem do recém-empossado subindo a rampa para receber a faixa capturou a imaginação de observadores e parceiros externos.

As cenas de fúria e barbarismo nas sedes dos Três Poderes, diante da inércia e/ou impotência das forças de segurança, serviram para lembrar que persiste no tecido sociopolítico do Brasil — e persistirá, no futuro imediato — a trama de uma extrema-direita com os traços observados em

distintos pontos do mundo. O exemplo mais evidente e próximo é o dos EUA, onde se aproximam do desfecho, após dois anos, as investigações sobre o assalto ao Capitólio, em janeiro de 2021, por parte dos informados da a derrota de Donald Trump na tentativa de se reeleger.

Coincidências à parte, ao longo de quatro anos ficaram expostos os laços de Bolsonaro e dos filhos políticos com Trump e seu entorno, conexões que se estendem a redes um tanto obscuras, quase subterrâneas. Também se desenharam as afinidades com vertentes da chamada “nova direita” ou “direita alternativa” ativas na Europa, das mais ostensivas até outras menos públicas. Por sinal, ainda em dezembro a Alemanha debelou uma conspiração de vaga inspiração monarquista, que tinha entre os cabeças um militar da reserva com investimentos e contatos em Santa Catarina, onde a PF investiga a presença de células neonazistas.

Em resumo, não apenas a opinião pública global acompanhou com interesse

máximo a intentona golpista de 8 de janeiro e respirou aliviada com o seu fracasso. O Brasil está no foco permanente da “Internacional” de extrema-direita.

### Blindagem externa

O apoio firme e imediato de governos do mundo inteiro, praticamente em uníssono, foi um dos fatores que determinaram o fracasso da “marcha sobre Brasília” — réplica malograda da Marcha sobre Roma, que foi empreendida pelos fascistas italianos em outubro de 1922 e levou ao poder o duce Benito Mussolini. Assim como na noite de 30 de outubro, quando reconheceram e saudaram prontamente a vitória de Lula no segundo turno da eleição presidencial, os líderes mundiais de maior calibre formaram a blindagem externa para a democracia brasileira.

### Bicho pega?

O desenrolar dos acontecimentos, no ritmo alucinante da primeira semana do novo governo, projeta expectativas para a primeira visita oficial do presidente ao exterior. Dentro de 10 dias, ele é aguardado em Buenos Aires para uma reunião da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), iniciativa de integração da qual Lula foi um dos artífices, em sua primeira passagem pelo Planalto.

O curto intervalo, com as investigações sobre o 8 de janeiro em pleno curso e desdobramentos imprevisíveis, alimenta preocupações em múltiplos círculos. No âmbito estritamente político-diplomático, uma desistência teria impacto inevitável e poderia ser vista como sinal de fraqueza. À luz das incertezas que persistem, porém, a ausência do presidente do território nacional inspira cuidados, pelo potencial de inspirar novas tentativas de desestabilização.

### Bicho come?

Se para Lula o dilema é quanto a sair ou não, para Bolsonaro a questão hamletiana é sobre ficar. Às vésperas de encerrar o mandato, o ainda então presidente voou para a Flórida, em circunstâncias duvidosas. Partiu em avião da FAB e desembarcou com visto de chefe de Estado, mas desde 1º de janeiro permanece como turista, com autorização de permanência por prazo limitado.

Parece escassa, se não nula, a chance de que o agora ex-presidente seja acolhido como asilado, menos ainda como residente. Ao contrário: o presidente Joe Biden, desafeto notório, enfrenta pressão no próprio partido para expulsar o visitante indesejado. Nesse interím, resta a Bolsonaro e seu entorno escolher entre tentar a partida para

outro destino ou correr o risco de se ver forçado a voltar para o Brasil — onde a sombra da prisão o espreita.

### Olho no gato

Biden, por sinal, se vê ele próprio às voltas com a cobrança de explicações sobre a descoberta de documentos oficiais sigilosos em sua casa, no estado de Delaware. São memorandos datados do período 2009-2017, quando o atual governante era o vice de Barack Obama.

Por ironia da história, a posse ilegal de material de acesso reservado é outra frente de problemas judiciais para Donald Trump. Uma operação de busca do FBI no resort de Mar-a-Lago, na Flórida, resultou na apreensão de 300 documentos de diferentes alcances. Os mais sensíveis contêm avaliações sobre a capacidade militar (inclusive nuclear) de outros países.

Depois de ter mantido a maioria democrata (governista) no Senado, na eleição legislativa de novembro passado, e de ter reduzido o impacto da conquista da maioria na Câmara pela oposição republicana, Biden ensaia a própria recuperação política, de olho na disputa presidencial de 2024 — quando poderá ter novamente Trump como adversário. Agora, o presidente americano tem que dividir as atenções, como no ditado: um olho no peixe, o outro no gato.